**VIII DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

São Gregório de Narek, abade e doutor da Igreja; São Gabriel de Nossa Senhora das Dores, clérigo passionista

*Sir* 27,5-8; *Sal* 91; *1 Cor* 15,54-58; *Lc* 6,39-45

*É bom louvar o Senhor*

**COMENTÁRIO**

*A sabedoria do coração*

O ensinamento de Jesus no Evangelho de hoje segue o de domingo passado, e ainda estamos no Seu Sermão da Planície. O que dissemos sobre a natureza sapiencial e não legalista da mensagem de Jesus vem agora ainda mais à ribalta. Tal como o Ben-Sirá, o sábio da tradição judaica, que ouvimos na primeira leitura, o mestre Jesus dá aos Seus discípulos várias instruções/máximas baseadas nas observações quotidianas, para os guiar no caminho da sabedoria de Deus.

Estas pitorescas instruções concretas na tradição bíblico-judaica são chamadas *meshalim*, um termo traduzido várias vezes para o grego com “parábolas”. É precisamente a palavra com que o evangelista Lucas introduz o ensinamento de Jesus. Deste modo há um convite à reflexão constante sobre as verdades recordadas para que haja uma sábia aplicação na vida de cada discípulo. Estes são princípios universais que, numa reflexão mais profunda, se revelam também úteis numa perspectiva missionária, ou seja, para a sabedoria cristã na missão de proclamar Cristo.

*1. A importância do Mestre*

A imagem do cego que quer conduzir outro cego é bela e, ao mesmo tempo, imediata. Não é necessária qualquer outra explicação para convencer o ouvinte da importância de ter um guia na vida que não seja cego. Uma pergunta surge espontaneamente: quem é agora o mestre a quem me confio no caminho da minha vida? Quem estou a seguir agora? Esta questão é mais do que apropriada no contexto dos ensinamentos de Jesus sobre o amor quase impossível dos inimigos e sobre a misericórdia. Estarei a seguir Jesus, o divino mestre, ou algum mestre terreno que propõe coisas talvez “mais fáceis”, mais “acessíveis”, que permitem “recrutar” mais seguidores?

Neste contexto do mestre divino compreende-se a observação sobre a relação entre o discípulo e o mestre: «Um discípulo não está acima do mestre, mas todo o que ficou bem preparado será como o seu mestre.» O princípio reflecte o da tradição judaica sobre a relação entre o enviado e aquele que o envia a levar uma mensagem. Tanto é assim que o mesmo ditado de Jesus, mas na sua forma mais longa, volta entre as recomendações aos Seus discípulos quando os enviou em missão no meio da perseguição, no chamado discurso missionário no Evangelho de Mateus: «Um discípulo não está acima do mestre, nem um servo acima do seu senhor» (*Mt* 10,24). Encontra-se também em Jo 15,20, novamente no contexto de perseguição que os discípulos têm de enfrentar no mundo: «Um servo não é maior que o seu senhor. Se me perseguiram a Mim, também vos perseguirão; se guardaram a Minha palavra, também guardarão a vossa.» À luz de tudo isto, o ensinamento de Jesus aqui sobre a “insuperabilidade” do mestre não pretende estabelecer limites ao processo de aprendizagem cognitivo-intelectual (em que certamente um discípulo é capaz de superar o mestre), mas diz respeito à situação existencial do “seguimento” e à missão do discípulo que é assim chamado a medir-se sempre com o exemplo e as palavras do Mestre que o envia.

2. *O argueiro e a trave*

Temos aqui outra “parábola” com igual clareza. Aliás, a imagem proposta tem ainda mais efeito com a ideia exagerada (hiperbólica) da trave no olho. Percebe-se logo a mensagem que serve para fazer reflectir aqueles que estão sempre prontos para “corrigir” os outros ou, pior ainda, para falar mal dos outros, dos seus defeitos e faltas. A imagem é uma espécie de comentário ilustrado da recomendação de não julgar e não condenar, formulada anteriormente no Sermão da Planície de Jesus e também retomada por São Tiago na sua carta aos primeiros cristãos com palavras afiadas (*Tg* 4,11-12: «Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, e julga a seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; e, se tu julgas a lei, já não és observador da lei, mas juiz. Há só um legislador que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és, que julgas a outrem?»)

Voltando ao ensinamento de Jesus: para além da sua dimensão ética, ele revela-se fundamental para cada comunidade de discípulos no dar testemunho do seu Mestre. Não é por acaso que se insiste aqui na figura do “irmão” (o vocábulo ocorre quatro vezes em dois versículos), para sublinhar precisamente a relação “fraterna” entre os discípulos do mesmo mestre. Isto faz-nos recordar a comovente recomendação que Jesus deixa aos Seus discípulos íntimos antes da Paixão: «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como vos amei, que também vós vos ameis uns aos outros. Nisto saberão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros» (*Jo* 13,34-35). Sim, «nisto [amor mútuo] todos conhecerão que sois meus discípulos», e não por outras coisas.

3. *A boca fala da abundância do coração*

O Ben-Sirá diz: «O fruto da árvore manifesta a qualidade do campo, / assim as palavras do homem revelam os seus sentimentos.» O sábio Jesus segue a mesma linha para ensinar aos Seus discípulos a sabedoria do discernimento entre a árvore boa e a árvore má: «cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto.» E assim é para o homem cujo coração se conhece pelas palavras que saem da sua boca. Vale a pena notar, como curiosidade, um ditado semelhante na tradição popular vietnamita: “Chim khôn thử tiếng, người ngoan thử lời” (O pássaro sábio mostra-se pela voz, o homem justo mostra-se pela palavra). Provérbios semelhantes podem certamente encontrar-se nas tradições de muitos outros povos. Trata-se da verdade universal, o fruto da inteligência humana iluminada pelo Espírito de Deus no coração do homem. No entanto, no Seu ensinamento, Jesus aplica esta verdade não para reiterar uma predestinação fatal dos maus que permanecerão sempre maus (e portanto condenados), mas com vista ao discernimento sapiencial e portanto também como convite a um auto-exame da vida dos Seus discípulos: “tu, que segues o Senhor e a Sua doutrina, quais são os teus frutos?”

Nesta perspectiva, a observação proverbial final do Evangelho «a boca fala do que transborda do coração» ou «da abundância do coração fala a boca» aplica-se muito bem ao dar testemunho de Jesus. A dificuldade em falar de Jesus pode vir de um coração que está “ocupado” com muitas outras coisas excepto de Jesus e do Seu Evangelho. A este respeito, vale a pena ouvir de novo a observação de Santa Teresa de Ávila: «Vejamos o glorioso São Paulo que, dir-se-ia, ter sempre na boca Jesus, como quem O tinha bem no coração.» E acrescenta: «Eu tenho reparado com cuidado, depois que isto compreendi, em alguns santos, grandes contemplativos, e não iam por outro caminho. São Francisco dá mostras disto nas Chagas; Santo António de Lisboa no Menino; São Bernardo deleitava-se na Humanidade; Santa Catarina de Sena e outros muitos que V. Mercê saberá melhor do que eu» (*Livro da vida*, cap. 22, 6-7, 14).

Por isso, enveredemos pelo caminho de uma amizade cada vez mais profunda com Jesus, nosso Mestre e Senhor, a fim de podermos comunicá-l’O e partilhá-l’O com alegria e espontaneidade com aqueles que encontramos todos os dias. Talvez este seja também um bom propósito para cada um de nós para uma conversão missionária durante a Quaresma deste ano, que vai começar na próxima Quarta-feira.

*Citações úteis:*

**A. Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2022*:**

A essência da missão é testemunhar Cristo, isto é, a sua vida, paixão, morte e ressurreição por amor do Pai e da humanidade. Não foi por acaso que os Apóstolos foram procurar o substituto de Judas entre aqueles que tinham sido, como eles, testemunhas da ressurreição (cf. *At* 1, 22). É Cristo, e Cristo ressuscitado, Aquele que devemos testemunhar e cuja vida devemos partilhar. Os missionários de Cristo não são enviados para comunicar-se a si mesmos, mostrar as suas qualidades e capacidades persuasivas ou os seus dotes de gestão. Em vez disso, têm a honra sublime de oferecer Cristo, por palavras e ações, anunciando a todos a Boa Nova da sua salvação com alegria e ousadia, como os primeiros apóstolos.

**B. Papa Francisco,** **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, no. 7-9:**

7. (…) Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo».

8. Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da acção evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?

9. O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. Assim, não nos deveriam surpreender frases de São Paulo como estas: «O amor de Cristo nos absorve completamente» (*2 Cor* 5, 14); «ai de mim, se eu não evangelizar!» (*1 Cor* 9, 16).